



RESENHA

AS VÍSCERAS DA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA¹

Camila Ferreira da Silva²
Rodrigo de Macedo Lopes³

CONNELL, Raewyn. **The Good University**: what universities actually do and why it's time for radical change. London: Zed Books Ltd., 2019. 233 p. ISBN: 978-1-78699-541-4.

As críticas internas e externas à Universidade como a conhecemos têm ganhado força com as disputas pela flexibilização das relações de trabalho e os efeitos do Neoliberalismo sobre a gestão universitária. Mais recentemente, essas críticas ganharam novas roupagens com o avanço dos neoconservadorismos e movimentos negacionistas em diferentes partes do mundo. O caráter público desta instituição e da educação vêm sendo colocados em xeque pelas perspectivas economicistas pautadas na competitividade e no estreito utilitarismo da ciência, da universidade e de seus agentes.

Este é o contexto de emergência da obra **The Good University: what universities actually do and why it's time for radical change**⁴, da socióloga Raewyn Connell, lançada em 2019, em Londres – Connell é atualmente Professora Emérita da *University of Sydney* e Membro vitalício da *National Tertiary Education Union*. As discussões que dão corpo ao livro partiram da experiência de Connell, em 2013, com a imposição de reformas que representavam o agravamento das condições de trabalho na *University of Sydney*. Tais discussões, bem como questões que a autora vinha enfrentando há algumas décadas sobre a universidade em sua atuação como professora,

¹ Trabalho financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

² Doutora em Ciências da Educação (Universidade Nova de Lisboa, Bolsa *Erasmus Mundus*), com Pós-Doutorado em Sociologia Política (Universidade Federal de Santa Catarina). Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2348-9350>. E-mail: cfsilva@ufam.edu.br.

³ Doutor em Sociologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7047-4530>. E-mail: rlopes9@gmail.com.

⁴ “A boa universidade: o que as universidades realmente fazem e por que é hora de uma mudança radical”.

pesquisadora e ativista social engajada no sindicato⁵, ganharam sistematização com nesta obra.

A questão geral que motivou o trabalho pode ser expressa da seguinte maneira: como construir boas universidades para o futuro? Raewyn Connell defende que o ponto de partida para vislumbrar um futuro diferente para a universidade deve ser o exercício de expor suas vísceras no tempo presente: as tensões e contradições, os agentes e os trabalhos que conduzem, a inserção na economia global do conhecimento e os diálogos com o mercado.

Os oito capítulos que dão corpo ao livro possuem como elo a perspectiva pós-colonial e a busca pela compreensão da epistemologia por meio da perspectiva do sul-mundial, que constituem marcas do pensamento da autora (BOTTON, 2020). Na obra, essa perspectiva aparece a partir de estudos de caso em países tanto do Norte quanto do Sul global e das distâncias entre esses dois polos no âmbito do poder e da posição na economia global do conhecimento. Os três primeiros capítulos ocupam-se do trabalho das universidades, da simbiose entre ensino, aprendizagem, pesquisa e construção do conhecimento científico e, sobretudo, do trabalho e dos trabalhadores da universidade. Os três capítulos seguintes tratam mais especificamente dos aspectos globais da economia do conhecimento e suas distinções no campo científico, dos processos de construção de privilégios no âmbito da universidade, bem como dos mais recentes tipos de diálogos que ela estabelece com o mercado. Por fim, os dois últimos capítulos trazem ao/à leitor/a análise dos caminhos possíveis de mudança e a demonstração de que “[...] outra universidade é possível”⁶ (CONNELL, 2019, p. 9, tradução nossa).

O capítulo 1, *Making the knowledge: research*⁷, vai além do estereótipo do intelectual e demonstra o que, de fato, define seu trabalho de produção de conhecimento e de formação: a conjugação do ensino e da pesquisa e o caráter público da formação científica. O capítulo 2, denominado *Learning and teaching*⁸, apresenta um desdobramento da relação entre ensino e pesquisa. Connell demonstra como, mesmo para diferentes tipos de instituições de ensino superior, o conhecimento científico é a base para sua atuação. Os estudantes, portanto, são transformados nos processos de ensinância e aprendizagem no ensino superior – a perspectiva de Paulo Freire é evocada pela autora nesse debate –, o que recoloca o currículo e as

⁵ Em sua página eletrônica, é possível ter acesso a uma biografia sintética e que demonstra seu engajamento com as lutas sociais desde muito cedo, pelo que destacamos: sua atuação no Movimento Estudantil e *New Left* na década de 1960, seu ativismo político e trabalhista e participação em protestos contra a Guerra do Vietnã, manifestações pela paz e, posteriormente, sua entrada e participação no movimento feminista (<http://www.raewynconnell.net/>).

⁶ No original lê-se: “[...] another University is possible”.

⁷ “Fazendo o conhecimento: pesquisa”.

⁸ “Ensinando e aprendendo”.

experiências formativas (formais e não formais, nas salas de aula e nos corredores das universidades) no centro do debate, e acentua a relevância da iniciação científica, das aprendizagens entre os estudantes e do reconhecimento desses estudantes como parte da força de trabalho da economia do conhecimento.

O capítulo 3, por sua vez, *The collective intellectual: University workers?*, fecha esta primeira parte da obra com o debate em torno da fragmentação entre os trabalhadores no interior da universidade, sobretudo com os processos de precarização do trabalho e de privatização, e a necessidade de compreender como o trabalho é operado coletivamente no campo universitário. As discussões deste capítulo convergem para o entendimento dos muitos grupos de trabalhadores que compõem a força de trabalho que expressa coletivamente o/a intelectual moderno e que faz a universidade funcionar. E, ainda, como o cenário atual tem fragilizado esses trabalhadores, com uma incerteza profissional para acadêmicos altamente formados, como os chamados *taxi professors* no Chile (SIMBÜRGER; NEARY, 2016), ou os jovens pesquisadores sem garantias profissionais em praticamente todo o mundo.

Nos capítulos 4, 5 e 6, intitulados respectivamente de *The global economy of knowledge*¹⁰, *Privilege machine*¹¹ e *The University business*¹², Connell desnuda as relações entre centro e periferia na chamada economia do conhecimento, e demonstra que “Como a economia material, a economia do conhecimento é mundial e altamente desigual¹³” (CONNELL, 2019, p. 73, tradução nossa). Nos movimentos de colonialismo do conhecimento, a autora argumenta que o trabalho de pesquisa acabou por ser dividido geográfica e socialmente, entre Norte e Sul global, o que ratifica um imperialismo científico nos seguintes termos: as colônias do conhecimento ficam responsáveis pela construção e recolhimento dos dados, tornando-se verdadeiras “minas de dados” para as metrópoles do conhecimento, cujo papel reside na produção de conhecimento legítimo e de grandes intelectuais. Essa hegemonia do Norte expressa-se, i) na disseminação de teorias do Norte em detrimento das teorias do Sul; ii) nos currículos marcadamente colonizados; iii) na dominação de línguas na academia; e iv) na divisão dos recursos entre centro e periferia.

Dessa forma, Raewyn Connell assevera as múltiplas maneiras pelas quais as universidades criam e legitimam as desigualdades, reconhecendo que os rumos da ciência são decididos, nessa balança desigual de forças, majoritariamente por homens brancos com alto capital econômico. Em

⁹ “O intelectual coletivo: trabalhadores universitários”.

¹⁰ “A economia global do conhecimento”.

¹¹ “Máquina de privilégio”.

¹² “O negócio da Universidade”.

¹³ No original lê-se: “Like the material economy, the economy of knowledge is worldwide and highly unequal”.

contrapartida, a universidade tem também criado espaços de resistências a esse modelo de ciência: as teorias do Sul, a ecologia de saberes de Boaventura de Souza Santos, a formação baseada em conhecimento científico, a ideia de ciência aberta, o pensamento crítico e o resgate da cultura humanista mais ampla com perspectiva de inclusão são elementos que a autora utiliza para demonstrar a luta contra a comercialização e o gerencialismo nas universidades.

Na transição para a última parte do livro, destaca-se um exercício crucial que Connell realiza de forma corajosa: demonstrar como as bases neoliberais povoam o cotidiano das universidades. A noção de “capitalismo acadêmico” (de Sheila Slaughter e Larry Leslie) é retomada por Connell para compreender a crescente mercantilização da produção e consumo de conhecimento. A autora se pergunta o que essas universidades venderiam, afinal, e sua resposta assevera a tese das desigualdades e dos privilégios dos capítulos anteriores:

A educação em si não é uma mercadoria. A educação acontece em encontros humanos que dependem de cuidado, confiança, responsabilidade e verdade, e tais encontros não podem ser empacotados e vendidos. Então, o que as universidades estão vendendo, já que os alunos se transformaram em clientes? Basicamente, o acesso a privilégios¹⁴ (CONNEL, 2019, p. 119, tradução nossa).

As marcas desse capitalismo acadêmico são vistas ainda nas práticas de ciência fechada, nas editoras que passam a ser donas dos periódicos em que as pesquisas são publicadas e acabam por transformar as universidades em clientes para ter acesso às pesquisas que ela própria produz, no gerencialismo das universidades, no fechamento de cursos considerados pouco lucrativos, na financeirização da ciência, entre outras.

Por fim, os capítulos 7 e 8, denominados respectivamente de *Universities of hope*¹⁵ e *The Good University*¹⁶, representam a apresentação de outra perspectiva para as possibilidades de mudança para o setor. Algumas lições contemporâneas são apresentadas nesse momento final do livro com o objetivo de demonstrar ao leitor/a que as bases para as transformações de que a universidade necessita já estão sendo construídas no tempo presente, como o movimento *Open Access* e as universidades da esperança, as quais expressam-se em casos emblemáticos que Connell elenca no sentido da subversão dos modelos empresariais: Índia e a crítica às universidades coloniais do império britânico; *Flying universities* na Polônia, em oposição do Império Russo; *Greenfields universities* e as especificidades locais na Grã-

¹⁴ No original lê-se: “Education in itself is not a commodity. Education happens in human encounters that depend on care, trust, responsibility and truth, and such encounters cannot be packaged and sold. So what have universities been selling, as Students have been transformed into costumers? Basically, access to privileges”.

¹⁵ “Universidades da esperança”.

¹⁶ “A boa universidade”.

Betanha; a Universidade Federal da Integração Latino-Americana e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no Brasil; além experiências no Egito, Estados Unidos, Fiji, Austrália, Suécia e Canadá.

O que Connell denomina, portanto, de *Good University* constitui a busca por uma melhor lógica para esta instituição, no sentido da superação da lógica de reprodução das desigualdades culturais. Além da já destaca base coletiva, a autora caracteriza a boa universidade como uma instituição democrática, engajada, criativa e sustentável.

Em tempos de constantes ataques à ciência, aos cientistas e às universidades – que vão desde os negacionismos, neoconservadorismos de diferentes ordens às políticas de desfinanciamento da ciência, tecnologia e inovação –, a perspectiva pós-colonial, de envergadura internacional e crítica da socióloga Raewyn Connell ganha relevância para a ampliação do debate sobre o ensino superior, seus agentes, instituições e seu papel social na contemporaneidade. O exercício de ir às entranhas da universidade empreendido pela autora, com os sabores e dissabores que a marcam no nosso tempo presente, configura-se como tarefa fundamental para a construção de uma universidade diferente para o futuro.

Aos/Às leitores/as brasileiras, chamamos atenção ainda à potencialidade da crítica da autora à universidade contemporânea para refletir sobre as especificidades do ensino superior no país, sabendo-o partícipe dessa economia global do conhecimento em posição periférica e colonizada na produção e circulação do conhecimento científico, bem como para a tarefa de reconstrução diária da universidade pública brasileira como espaço de fato público, gratuito, aberto e democrático face aos ataques e desmontes que temos vivido nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

BOTTON, F. B. Considerações críticas acerca das teorias de Raewyn Connell e Judith Butler para o estudo das masculinidades. **Crítica Histórica**, Maceió, ano XI, n. 22, p. 11-37, dez. 2020. DOI: [10.28998/rchv11n22.2020.0003](https://doi.org/10.28998/rchv11n22.2020.0003). Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11245>. Acesso em: 08 nov. 2022.

CONNELL, R. **The Good University**: what universities actually do and why it's time for radical change. London: Zed Books Ltd., 2019.

SIMBÜRGER, E.; NEARY, M. Taxi Professors: Academic Labour in Chile, a Critical-Practical Response to the Politics of Worker Identity. **Workplace - A Journal for Academic Labor**, n. 28, p. 48-73, 2016. DOI: [10.14288/workplace.v0i28.186212](https://doi.org/10.14288/workplace.v0i28.186212). Disponível em: <https://ices.library.ubc.ca/index.php/workplace/article/view/186212>. Acesso em: 08 nov. 2022.



Recebido em: ano 06 de agosto de 2022.

Aprovado em: 30 de novembro de 2022.

Publicado em: 11 de janeiro de 2022.

